

**CA**

**machado  
de assis**

**S**

**A**

**V**

**E**

**textos  
informativos:  
fátima  
mesquita**

**L**

**H**

**A**



**PANDA  
BOOKS**

© Panda Books

Direção editorial

*Marcelo Duarte*

*Patth Pachas*

*Tatiana Fulas*

Projeto gráfico e capa

*Casa Rex*

Diagramação

*Daniel Argento*

Fotos

p.32: © *autoria não identificada/*

*Acervo Instituto Moreira Salles;*

p.47: © *Wirestock/Freepick.*

Gerente editorial

*Vanessa Sayuri Sawada*

Notas

*Fátima Mesquita*

Impressão

*Loyola*

Assistentes editoriais

*Henrique Torres*

*Lais Cerullo*

Estabelecimento de texto

*Ronald Polito*

Assistente de arte

*Samantha Culceag*

Edição das notas

*Joaci Pereira Furtado*

Revisão

*Joaci Pereira Furtado*

*Gabriel Provinzano*

*Ronald Polito*

Este livro foi estabelecido com base nas edições da revista  
*A Estação*, de 15 de janeiro de 1885 a 28 de fevereiro de 1886.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A866c

Assis, Machado de, 1839-1908

Casa Velha / Machado de Assis; textos informativos Fátima

Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2024. 23 cm.

ISBN 978-65-5697-362-3

1. Romance brasileiro. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

24-93249

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439



2024

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

## O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

### **TUDO CONTRA, MAS O CARA ERA UM CRAQUE!**

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no dia 21 de junho de 1839, filho de um brasileiro, Francisco, pintor de paredes, e uma portuguesa dos Açores, dona Maria, lavadeira que, no entanto, morreu quando ele tinha só dez anos de idade. O menino cresceu no Morro do Livramento, na cidade do Rio de Janeiro, com o apoio da madrinha rica e da segunda mulher do seu Francisco.

Sabia muito bem francês e latim, chegando a trabalhar como tradutor. Quando novo, descolou uns trocados vendendo doces fei-

tos pela madrasta e engraxando sapatos. Mais tarde, fez bicos de revisor, ralou em tipografia, foi funcionário público em variadas instâncias (começando como auxiliar do auxiliar e chegando até a diretor chefe). E escreveu: crítica de teatro, poema, resenha de debate do Senado, peça teatral, contos, romances, ensaios, artigos e crônicas para jornais e revistas e ainda soluções para jogos de xadrez.

Simmmm, quando não estava lendo, escrevendo ou vendo peças de teatro, o cara gostava de encarar uma partida de xadrez. Chegou a participar do primeiro campeonato do país, e as peças que ele usou neste torneio hoje estão expostas na Academia Brasileira de Letras.

Mas nada foi fácil pro Machado. O sujeito sofria de epilepsia, uma doença neurológica sem cura e carregada de preconceito, em especial naqueles tempos, porque, de repente, o cérebro da pessoa entra meio que em curto-circuito, com uma descarga elétrica embaralhando as coisas lá dentro. O doente pode, então, falar coisas sem pé nem cabeça, o corpo pode se movimentar sem controle ou o indivíduo parece que está no mundo da lua, com o olhar perdido e fixo no nada, sem responder a nenhum estímulo, meio que ausente – ei, mas fica sussa que hoje em dia tem tratamento bem eficiente que não cura, mas controla legal a situação, deixando a pessoa viver uma vida mais tranquila.

Além disso, nosso amigo era negro e também meio gago. E, como você já deve ter sacado, bem pobre mesmo. Os pais do pai dele eram escravizados e, apesar de terem conquistado a liberdade, haviam trabalhado praticamente a vida toda pra família de sua madrinha. Ou seja, nosso Joaquim sofria preconceito a granel. Tipo 7 X 1. Toda hora, né? Mas era inteligente que só. Tinha esse supertalento atômico pra línguas. Aprendeu muita coisa (mas muita mesmo!) por conta própria, nos livros da biblioteca da família rica da madrinha e de tudo quanto era jeito que ele podia achar. Tinha esse apetite por aprender. Voraz mesmo.

Foi casado com uma portuguesa, quatro anos mais velha que ele, a dona Carolina Augusta Xavier de Novais. Mas eles nunca tiveram filhos. Ela morreu antes. Machado ficou deprimidaço – estava também já cego. Faleceu aos 69 anos de idade, no mesmo Rio de Janeiro onde havia nascido. Deixou seus vários livros, sua obra,

que já foi traduzida e estudada por tudo quanto é canto desse planeta Terra. O que é raro, bem raro mesmo para autores brasileiros.

Ah, e um caso divertido aqui: num dos seus livros, houve um erro de impressão numa frase. Onde devia se ler “lhe cegara o juízo”, lia-se “lhe cagara o juízo”! Ih, foi um corre-corre tipo Bolt pra tentar consertar a “cegada” (rs). Juntaram lá uma pá de gente tentando corrigir livro por livro antes daquilo tudo chegar na mão dos leitores. Em grande parte a tática deu certo, mas... uns exemplares com o erro escaparam. Hehehe, maus, hein?

## **CASA VELHA É QUE FAZ TRETA DAS BOAS**

Olha, essa casa do Machado de Assis pode até ser velha, mas é cheia de treta boa, e vale mesmo a pena circular pelos cômodos dela para conhecer tudo, especialmente seus habitantes.

É que eles e elas – os personagens – são muito o Brasil daqueles tempos e também o Brasil de agora. O enredo leva a gente a ver dramas eternos do ser humano, como a busca por ascensão numa estrutura social que nos limita e por tantas vezes até complica nossas vidas, enquanto dita nosso comportamento. Vemos aqui como o lance do casamento vai muito além do conversê sobre amor. Tem a relação entre homem e mulher, o papel da religião que se infiltra em tudo... enfim, tem muito que mudou e, ao mesmo tempo, que mudou muito pouco, nesses mais de cem anos.

Aqui, um padre narrador começa a frequentar a Casa Velha, pois está fazendo uma pesquisa pra escrever um livro sobre os tempos de d. Pedro I e, por isso, se mete praticamente todo dia dentro da mansão de uma família rica e poderosa. Ali o sacerdote católico vai futucar os documentos do figurão que morreu e, de quebra, mostrar pra gente quem são a dona Antônia, viúva proprietária da casa, o Félix, filho dela e eterno nem-nem (nem estuda, nem trabalha), e um outro fenômeno bem brasileiro, os tais dos agregados.

## **ALUGUEL, VENDA E SUBLOCAÇÃO DE CORAÇÃO**

Nesse passeio pela grande e bela propriedade conhecida como Casa Velha, a gente ainda dá de cara com escravizados que povoam o lugar quase como se não existissem, como se fossem

mesmo invisíveis, e com uma parentada típica, além de dar um encontrão naquelas tretas que fazem o coração bater apressado, com seu espaço sendo alugado para o amor, vendido para a traição, emprestado para os desentendimentos, sublocado para a paixão. Ali vemos em cores fortes a sofrência dos erros e acertos feitos no contrato da vida, o peso das intromissões, dos palpites, da gente autoritária, das pressões sociais. Vemos também filhos sem pai, mortes e reviravoltas. Enfim, aquela pacoteira toda doida que faz um folhetim ser uma delícia de ser lido e acompanhado.

Aliás, é isso mesmo: *Casa Velha* nasceu como folhetim, seguindo o caminho típico da época e saindo em capítulos, no maior conta-gotas, na revista de moda, de público claramente feminino, chamada *A Estação*, entre 1885 e 1886. Depois ela ficou esquecida num canto qualquer. Machado de Assis já estava morto e enterrado havia quase quarenta anos quando finalmente a *Casa Velha* foi descoberta por uma pesquisadora e aí sim virou este livro aqui.

## MANHAS, REVELAÇÕES E ATÉ YOUTUBADAS PRA VOCÊ

Curtinho, faceiro e trigueiro, o texto de Machado de Assis vem agora ainda mais azeitado pra você deitar e rolar na leitura, porque ele pinga na sua mão todo recheado de **notinhas** que explicam o vocabulário das antigas, descomplicam frases cheias de manha e ainda te dão o contexto da época e até curiosidades bem legais, fora as horas em que a gente prega nas páginas uns links youtubados, além de muita ilustração leve e ao mesmo tempo reveladora que culmina, lá nas páginas bem finais, com um mapa inacreditável mostrando um quem é quem geral dos personagens.

Agora, fala sério, confessa: tem edição melhor neste mundo? Hehehe, tem não. Então acha um canto maneiro aí e aproveita a companhia desta gostosura.

Fátima Mesquita

**f** Fotos para contextualizar a cena.

**g** Sugestões de pesquisa na internet.

**e** Comentários curtos e curiosidades.

**YouTube** Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

# SUMÁRIO

I	Antes e depois da missa	8
II		16
III		29
IV		40
V		47
VI		58
VII		67
VIII		74
IX		77
X		84

# I

## ANTES E DEPOIS DA MISSA

**E** A Capela Imperial, (antiga Capela Real e, antes disso, Igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo) foi a escolhida para ser frequentada por d. João VI e a Corte, com a sua chegada em 1808. Funciona até hoje, perto da Praça XV.

Esperdiçar: gastar, desperdiçar.

**E** Décima é um poema com dez versos. Se tem catorze versos, é um soneto.

**E** Púlpito é um pequeno palanque onde o padre faz o sermão.

**8** Luís Gonçalves dos Santos (1767-1844) foi um padre que, por ser baixinho, gordo e de olhos esbugalhados, foi apelidado de "padre Perereca".

**E** "Meter em brios" é mexer com o amor-próprio de alguém a ponto de fazê-lo tomar uma atitude.

Cousa: coisa.

Meado: meio, metade.

Reservado: restrito, exclusivo.

Aqui está o que contava, há muitos anos, um velho cônego da **Capela Imperial**:

– Não desejo ao meu maior inimigo o que me aconteceu no mês de abril de 1839. Tinha-me dado na cabeça escrever uma obra política, a história do reinado de d. Pedro I. Até então **esperdiçara** algum talento em **décimas e sonetos**, muitos artigos de periódicos, e alguns sermões, que cedia a outros, depois que reconheci que não tinha os dons indispensáveis ao **púlpito**. No mês de agosto de 1838 li as *Memórias* que outro padre, **Luís Gonçalves dos Santos**, o padre Perereca chamado, escreveu do tempo do rei, e foi esse livro que me **meteu em brios**. Achei-o seguramente medíocre, e quis mostrar que um membro da igreja brasileira podia fazer **cousa** melhor.

Comecei logo a recolher os materiais necessários, jornais, debates, documentos públicos, e a tomar notas de toda a parte e de tudo. No **meado** de fevereiro, disseram-me que, em certa casa da cidade, acharia, além de livros, que poderia consultar, muitos papéis manuscritos, alguns **reservados**, naturalmen-

te importantes, porque o dono da casa, falecido desde muitos anos, havia sido ministro de Estado. Compreende-se que esta notícia me **aguçasse** a curiosidade. A casa, que tinha capela para uso da família e dos moradores próximos, tinha também um padre contratado para dizer missa aos domingos, e confessar pela quaresma: era o **rev.** Mascarenhas. Fui ter com ele para que me **alcançasse** da viúva a permissão de ver os papéis.

– Não sei se lhe consentirá isso, disse-me ele; mas vou ver.

– Por que não há de consentir? É claro que não me utilizarei senão do que for possível, e com autorização dela.

– Pois sim, mas é que livros e papéis estão lá em grande respeito. Não se mexe em nada que foi do marido, por uma espécie de veneração, que a boa senhora conserva sempre e conservará. Mas enfim vou ver, e far-se-á o que for possível.

Mascarenhas trouxe-me a resposta dez dias depois. A viúva começou recusando; mas o padre **instou**, expôs o que era, disse-lhe que nada perdia do devido respeito à memória do marido consentindo que alguém folheasse uma parte da biblioteca e do arquivo, uma parte apenas; e afinal conseguiu, depois de longa resistência, que me apresentasse lá. Não me demorei muito em usar do favor; e no domingo próximo acompanhei o padre Mascarenhas.

A casa, cujo lugar e direção não é preciso dizer, tinha entre o povo o nome de Casa Velha, e era-o realmente: datava dos fins do outro século. Era uma edificação sólida e vasta, gosto severo, nua de **adornos**. Eu, desde criança, conhecia-lhe a parte exterior, a grande varanda da frente, os **dous** portões enormes, um especial às pessoas da família e às visitas, e outro destinado ao serviço, às cargas que iam e vinham, às **segas**, ao gado que saía a pastar. Além dessas duas entradas, havia, do lado oposto, onde ficava a capela, um caminho que dava acesso às pessoas da vizinhança, que ali iam ouvir missa aos domingos, ou rezar a **ladainha** aos sábados.

Foi por esse caminho que chegamos à casa, às sete horas e poucos minutos. Entramos na capela, após um raio de sol, que brincava no azulejo da parede interior onde estavam representados vários passos da **Escritura**. A capela era pequena, mas muito bem tratada. **Ao rés** do chão, à es-

**Aguçar:** animar, estimular.

**Rev.** é abreviatura de "reverendo".

**Alcançar:** conseguir, conquistar.

**Instar:** insistir, reiterar.

**Adorno:** enfeite, ornamento.

**Dous:** dois.

**Sega:** coche, carruagem.

**Ladainha**, ou litania, é um tipo de reza curta e repetitiva que os católicos usam nas missas e em outros ritos.

**Escritura** é a Bíblia.

**Ao rés:** rente.



**Fâmulo:** criado, servo.

**Alvíssimo:** limpíssimo,  
**branquíssimo.**

**E** Paramentos são as roupas que o sacerdote católico usa nos rituais.

**Primor:** perfeição,  
excelência.

**Piedade:** devoção,  
dedicação.

**E** “Relíquias”, aqui, são objetos importantes do morto guardados em memória dele.

**Alusão:** menção,  
referência.

**E** Persignar-se, para os católicos, é se benzer fazendo uma cruz com o dedão da mão direita na testa, na boca e no peito.

querda, perto do altar, uma tribuna servia privativamente à dona da casa, e às senhoras da família ou hóspedes, que entravam pelo interior; os homens, os **fâmulos** e vizinhos ocupavam o corpo da igreja. Foi o que me disse o padre Mascarenhas explicando tudo. Chamou-me a atenção para os castiçais de prata, para as toalhas finas e **alvíssimas**, para o chão em que não havia uma palha.

– Todos os **paramentos** são assim, concluiu ele. E este confessionário? Pequeno, mas um **primor**.

Não havia coro nem órgão. Já disse que a capela era pequena; em certos dias, a concorrência à missa era tal que até na soleira da porta vinham ajoelhar-se fiéis. Mascarenhas fez-me notar à esquerda da capela o lugar em que estava sepultado o ex-ministro. Tinha-o conhecido, pouco antes de 1831, e contou-me algumas particularidades interessantes; falou-me também da **pieidade** e saudade da viúva, da veneração em que tinha a memória dele, das **reliíquias** que guardava, das **alusões** frequentes na conversação.

– Lá verá na biblioteca o retrato dele, disse-me.

Começaram a entrar na igreja algumas pessoas da vizinhança, em geral pobres, de todas as idades e cores. Dos homens alguns, depois de **persignados** e rezados, saíram,

outra vez, para esperar fora, conversando, a hora da missa. Vinham também escravos da casa. Um destes era o próprio **sacristão**; tinha a seu cargo, não só a guarda e asseio da capela, mas também ajudava a missa, e, salvo a **prosódia latina**, com muita perfeição. Fomos achá-lo diante de uma grande cômoda de jacarandá antigo, com argolas de prata nos gavetões, concluindo os arranjos preparatórios. Na **sacristia**, entrou logo depois um moço de vinte anos mais ou menos, simpático, fisionomia meiga e franca, a quem o padre Mascarenhas me apresentou; era o filho da dona da casa, Félix.

– Já sei, disse ele sorrindo, mamãe me falou de **v. revma.** Vem ver o arquivo de papai?

Confiei-lhe rapidamente a minha ideia, e ele ouviu-me com interesse. Enquanto falávamos vieram outros homens de dentro, um sobrinho do dono da casa, Eduardo, também de vinte anos, um velho parente, coronel Raimundo, e uns dous ou três hóspedes. Félix apresentou-me a todos, e, durante alguns minutos, fui naturalmente objeto de grande curiosidade. Mascarenhas, paramentado e de pé, com o cotovelo na borda da cômoda, ia dizendo alguma coisa, pouca; ouvia mais do que falava, com um sorriso antecipado nos lábios, voltando a cabeça **a miúdo** para um ou outro. Félix tratava-o com **benevolência** e até **deferência**; pareceu-me inteligente, **lhano** e modesto. Os outros apenas faziam coro. O coronel não fazia nada mais que confessar que tinha fome; acordara cedo e não tomara café.

– **Parece que são horas**, disse Félix; e depois de ir à porta da capela: – Mamãe já está na **tribuna**. Vamos?

Fomos. Na tribuna estavam quatro senhoras, duas idosas e duas moças. Cumprimentei-as de longe, e, sem mais encará-las, percebi que tratavam de mim, falando umas às outras. Felizmente o padre entrou daí a três minutos, ajoelhamo-nos todos, e seguiu-se a missa que, por **fortuna** do coronel, foi **engrolada**. Quando acabou, Félix foi beijar a mão à mãe e à outra senhora idosa, tia dele; levou-me e apresentou-me ali mesmo a ambas. Não falamos do meu projeto; tão somente a dona da casa disse-me delicadamente:

– Está entendido que **v. revma.** faz-nos a honra de almoçar conosco?

**E** Sacristão é o ajudante do padre.

**E** Prosódia é a pronúncia correta das palavras, e aqui é em latim porque até a década de 1960 as missas eram celebradas nessa língua no mundo todo.

**E** Sacristia é uma sala onde são guardados os paramentos e objetos que o padre usa na missa.

**E** “V. revma.” é a abreviatura de “vossa reverendíssima”.

**E** “A miúdo” é o mesmo que “várias vezes”.

**Benevolência:** bondade, complacência.

**Deferência:** respeito, consideração.

**Lhano:** sincero, franco.

**E** “Parece que são horas” é o mesmo que “já deu a hora”.

**E** Tribuna era um espaço de honra nas igrejas católicas para assistir às missas, em geral perto do altar e mais alto que os outros assentos.

**Fortuna:** sorte, felicidade.

**Engrolado:** confuso, malfeito.

Tolhido: constringido.

Gregos e romanos tinham crenças e práticas místicas conhecidas como religião doméstica, que via os parentes falecidos como deuses. Aí havia um acordo: os vivos se comprometiam a sepultar e cuidar dos túmulos, e os mortos a proteger os vivos. Acreditava-se também que alma e corpo continuavam vivos no túmulo, por isso, todos os pertences (até os bichos) eram enterrados com o morto, representado por um fogo mantido sempre aceso nas casas e que recebia os pedidos e oferendas.

**C** Cantaria é a arte de talhar blocos de pedra para construção. Por extensão, é tudo o que é feito de pedra.

Cisterna: poço, tanque.

**E** "Moleque" é "garroto" em quimbundo, a língua de alguns escravos, mas na época era o mesmo que criança negra, um "pretinho".

Rifão: ditado, provérbio.

D. Pedro I (1798-1834) criou dois conselhos após a Independência. O primeiro, Conselho dos Procuradores Gerais das Províncias do Brasil, durou de 1822 a 1823. O segundo funcionou de 1823 a 1834 e atuou na elaboração da Constituição de 1824.

Paço: palácio.

Inclinei-me afirmativamente. Não me lembrou sequer acrescentar que a honra era toda minha.

A verdade é que me sentia **tolhido**. Casa, hábitos, pessoas davam-me ares de outro tempo, exalavam um cheiro de vida clássica. Não era raro o uso de capela particular; o que me pareceu único foi a disposição daquela, a tribuna de família, a sepultura do chefe, ali mesmo, ao pé dos seus, fazendo lembrar as primitivas sociedades em que florescia a **religião doméstica** e o culto privado dos mortos. Logo que as senhoras saíram da tribuna, por uma porta interior, voltamos à sacristia, onde o padre Mascarenhas esperava com o coronel e outros. Da porta da sacristia, passando por um saguão, descemos dois degraus para um pátio, vasto, calçado de **cantaria**, com uma **cisterna** no meio. De um lado e outro corria um avarandado, ficando à esquerda alguns quartos, e à direita a cozinha e a copa. Pretas e **moleques** espiavam-me, curiosos, e creio que sem espanto, porque naturalmente a minha visita era desde alguns dias a preocupação de todos. Com efeito, a casa era uma espécie de vila ou fazenda, onde os dias, ao contrário de um **rifão** peregrino, pareciam-se uns com os outros; as pessoas eram as mesmas, nada quebrava a uniformidade das cousas, tudo quieto e patriarcal.

D. Antônia governava esse pequeno mundo com muita discrição, brandura e justiça. Nascera dona de casa; no próprio tempo em que a vida política do marido, e a entrada deste nos **conselhos** de Pedro I podiam tirá-la do recesso e da obscuridade, só a custo e raramente os deixou. Assim é que, em todo o ministério do marido, apenas duas vezes foi ao **paço**. Era filha de Minas Gerais, mas foi criada no Rio de Janeiro, naquela mesma Casa Velha, onde casou, onde perdeu o marido e onde lhe nasceram os filhos, – Félix, e uma menina que morreu com três anos. A casa fora construída pelo avô, em 1780, voltando da Europa, donde trouxe ideias de

**solar** e costumes fidalgos; e foi ele, e parece que também a filha, mãe de d. Antônia, quem deu a esta a pontazinha de orgulho, que se lhe podia notar, e quebrava a unidade da **índole** desta senhora, essencialmente **chã**. Inferi isso de algumas **anedotas** que ela me contou de ambos, no **tempo do rei**. D. Antônia era antes baixa que alta, magra, muito bem composta, vestida com singeleza e austeridade; devia ter quarenta e seis a quarenta e oito anos.

Poucos minutos depois estávamos **almoçando**. O coronel, que afirmava rindo, ter um buraco de palmo no estômago, nem por isso comeu muito, e durante os primeiros minutos, não disse nada; olhava para mim, **obliquamente**, e, se dizia alguma coisa, era baixinho, às duas moças, filhas dele; mas desforrou-se para o fim, e não conversava mal. Félix, eu e o padre Mascarenhas falávamos de política, do ministério e dos sucessos do sul. Notei desde logo, no filho do ministro, a qualidade de saber escutar, e de **dissentir** parecendo aceitar o conceito alheio, de tal modo que, às vezes, a gente recebia a opinião desenvolvida por ele, e supunha ser a mesma que emitira. Outra coisa que me chamou a atenção foi que a mãe, percebendo o prazer com que eu falava ao filho, parecia encantada e orgulhosa. Compreendi que ela herdara as naturais esperanças do pai, e redobrei de atenção com o filho. Fi-lo sem esforço; mas pode ser também que entrasse por alguma coisa, naquilo, a necessidade de captar toda a afeição da casa, por motivo do meu projeto.

Foi só depois do almoço que falamos do projeto. Passamos à varanda, que comunicava com a sala de jantar, e dava para um grande terreiro, era toda **ladrihada**, e tinha o teto sustentado por grossas colunas de cantaria. D. Antônia chamou-me, sentei-me ao pé dela, com o padre Mascarenhas.

– Reverendíssimo, a casa está às suas ordens, disse-me ela. Fiz o que o sr. padre Mascarenhas me pediu, e a muito custo, não porque o não julgue pessoa capaz, mas porque os livros e papéis de meu marido ninguém mexe neles.

– Creia que agradeço muito...

– Pode agradecer, interrompeu ela sorrindo; não faria isto a outra pessoa. Precisa ver tudo?

**Solar:** mansão, casarão.

**Índole:** caráter, personalidade.

**Chã:** trivial, simples.

**Anedota:** caso, curiosidade.

**E** “Tempo do rei” é a época em que d. João VI governou o Brasil, de 1792 até 1822.

**E** O almoço era a primeira refeição do dia naqueles tempos.

**Oblíquo:** indireto, enviesado.

**Dissentir:** divergir, discordar.

**E** “Ladrihada”, aqui, é a calçada com placas feitas de barro.



– Não posso dizer se tudo; depois de um rápido exame, saberei mais ou menos o que preciso. E **v. ex.** também há de ser um livro para mim, e o melhor livro, o mais íntimo...

– Como?

– Espero que me conte algumas cousas, que hão de ter ficado escondidas. As histórias fazem-se em parte com as notícias pessoais. V. ex., esposa de ministro...

D. Antônia **deu de ombros**.

– Ah! eu nunca entendi de política, nunca me meti nessas cousas.

– Tudo pode ser política, minha senhora; uma anedota, um dito, qualquer cousa de nada, pode valer muito.

Foi neste ponto que ela me disse o que acima referi; vivia em casa, pouco saía, e só foi ao paço duas vezes. Confessou até que da primeira vez teve muito medo, e só o perdeu por se lembrar a tempo de um dito do avô.

– Saí de casa tremendo. Era dia de **gala**, ia **trajada à corte**; pelas **portinholas** do coche via muita gente olhando, parada. Mas quando me lembrava que tinha de cumprimentar o imperador e a imperatriz, confesso que o coração me batia muito. Ao descer do coche, o medo cresceu, e ainda mais quando subi as escadas do paço. De repente, lembrou-me um dito de meu avô. Meu avô, quando aqui chegou o rei, levou-me a ver as festas da cidade, e, como eu, ainda mocinha, impressionada, lhe dissesse que tinha medo de encarar o rei, se ele aparecesse na rua, olhou para mim, e disse com um modo muito sério que ele tinha às vezes: “Menina, uma Quintanilha não treme nunca!”. Foi o que fiz, lembrou-me que uma Quintanilha não tremia, e, sem tremer, cumprimentei suas majestades.

Rimo-nos todos. Eu, pela minha parte, declarei que aceitava a explicação e não lhe pediria nada; e depois falei de outras cousas. Parece que **estava de veia**, se não é que a conversação da viúva me meteu em brios. Veio o filho, veio o cunhado, vieram as moças, e posso afirmar que deixei a melhor impressão em todos; foi o que o padre Mascarenhas me confirmou, alguns dias depois, e foi o que notei por mim mesmo.

**E** “V. ex.” é abreviatura de “vossa excelência”.

**E** “Dar de ombros” é mostrar indiferença, dar pouca importância.

**Gala:** cerimônia, solenidade.

**E** A corte é tudo que tem a ver com o rei (o lugar, as pessoas ligadas a ele etc.). Daí, se vestir (trajar) à corte é usar roupas e acessórios de luxo, elegantes.



**E** “Estar de veia” é estar de bom humor.